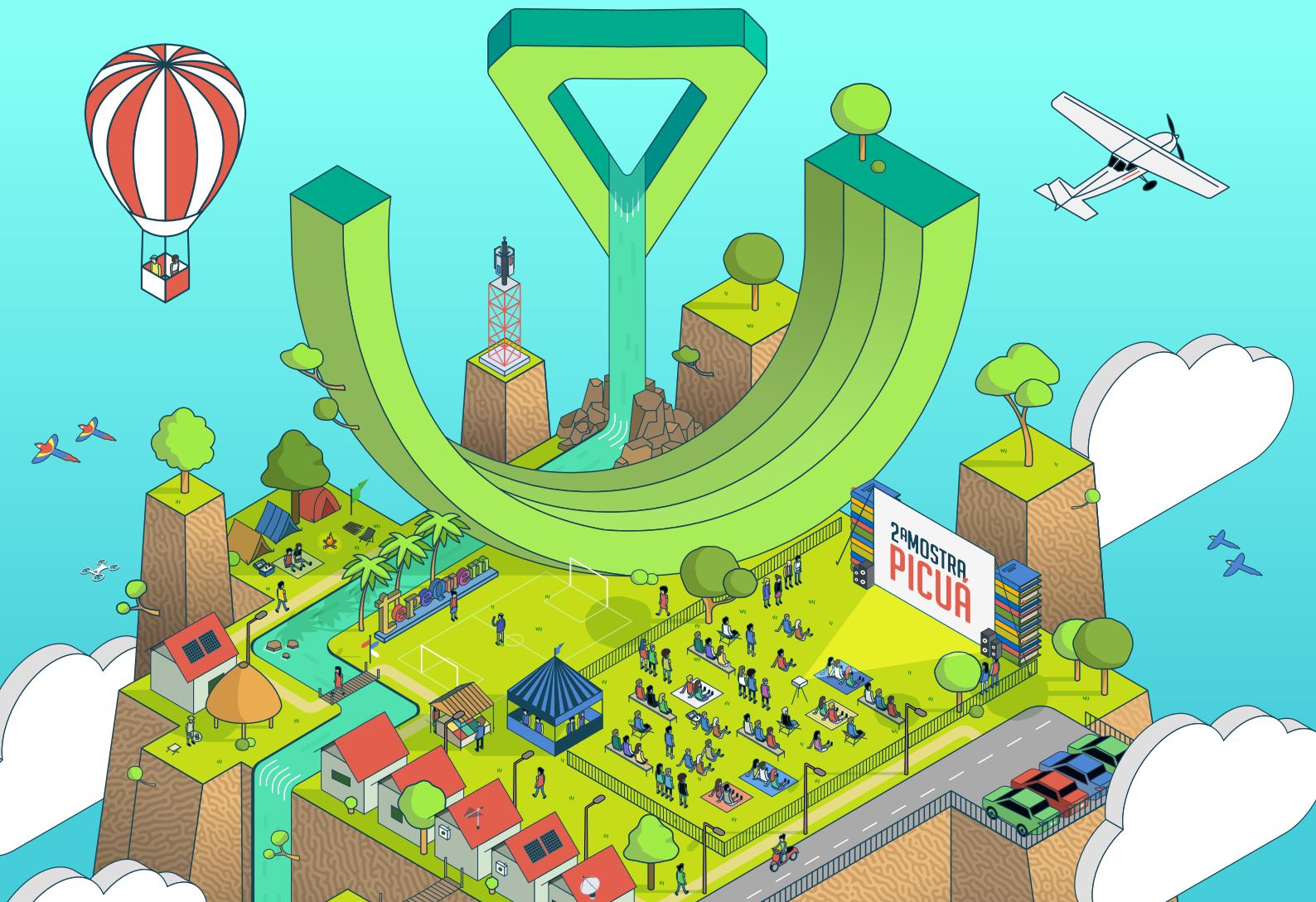




2ª MOSTRA, PICUÁ

DE CINEMA
E LITERATURA

POESIAS, CONTOS E FILMES



ORG. THIAGO BRIGLIA E VANESSA BRANDÃO

Projeto realizado com apoio da Lei Paulo Gustavo, Ministério da Cultura, Governo Federal, por meio da Secretaria de Cultura e Turismo do Estado de Roraima.

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:
Frederico Martins

Revisão:
Vanessa Brandão

1ª Edição – 2025

Ficha Catalográfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Picuá [livro eletrônico] : poemas, contos e filmes
da II Mostra Picuá de Cinema e Literatura /
organização Thiago Briglia , Vanessa Brandão.
-- 1. ed. -- Boa Vista, RR : Ed. dos Autores,
2025.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-01-61169-3

1. Cinema - América Latina - História
2. Literatura brasileira - Coletâneas I. Briglia,
Thiago. II. Brandão, Vanessa.

25-289796

CDD-B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Antologia B869

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Hélio Zanona – Coordenador Geral

Thiago Briglia – Idealizador e Coordenador

Vanessa Brandão – Curadora de Literatura e Jornalista

Frederico Martins – Curador de Cinema e Publicitário

Alejandro Mollero – Coordenador de Operações

Liz Urania – Coordenadora de Logística e Receptivo

Lara Berndzuck - Ceremonialista

Luis Beltrán – Operacional

Norton Luiz - Operacional

Janaina Lamounier – Logística

Elder Torres - Roteirista de vídeo

Lucas Silva – Filmmaker

Kaylon Monteiro – Assistente de Câmera

Natália Hana - Assistente de produção de vídeo



PREFÁCIO

A II Mostra Picuá de Cinema e Literatura aconteceu nos dias 18 e 19 de abril de 2025, no alto ponto de encontro de todas as gentes, a Serra do Tepequém, em Roraima, superando o sucesso de 2021, se reinventando em sua poética de pluralidade cultural. Renovamos o gesto de escutar, narrar e compartilhar. Na dobra dos ventos da serra, entre o sussurro das pedras e cachoeiras antigas, ergueu-se novamente o picuá: esse pequeno grande universo onde cabem palavras, imagens, sonhos e memórias.

Por dois dias, a serra foi sala de exibição, terreiro de leitura, palco de encontros. Ali, entre risos, telas, palavras e olhos atentos, se reuniram cineastas, escritores, leitores, anciões, crianças e curiosos. Trouxeram suas criações como quem abre o próprio coração: cheios de histórias urgentes, silêncios densos, afetos antigos e promessas de futuro.

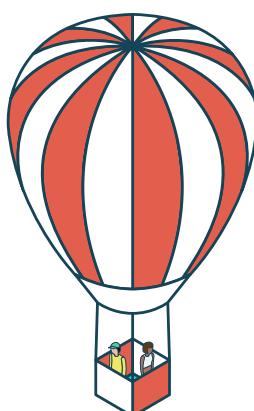
Neste e-book, repousam os frutos dessa partilha. Aqui estão os contos que nos atravessaram, os poemas que inquietaram e encantaram, os filmes que nos emocionaram, as oficinas que nos ensinaram e os nomes que deram rosto à Mostra. Tudo reunido com o cuidado de quem reconhece na cultura um campo de resistência, e na arte, um modo de seguir respirando.

Celebramos especialmente as vozes indígenas, periféricas, femininas e amazônicas, vozes que muitas vezes foram silenciadas, mas que agora se impõem com força e beleza, transformando a paisagem da literatura e do cinema produzidos em todo o país.

O picuá segue aberto. Cada texto aqui presente é um convite a seguir viagem. Até a próxima.

Comissão Organizadora
II Mostra Picuá de Cinema e Literatura

*Thiago Briglia
Hélio Zanona
Frederico Martins
Vanessa Brandão*

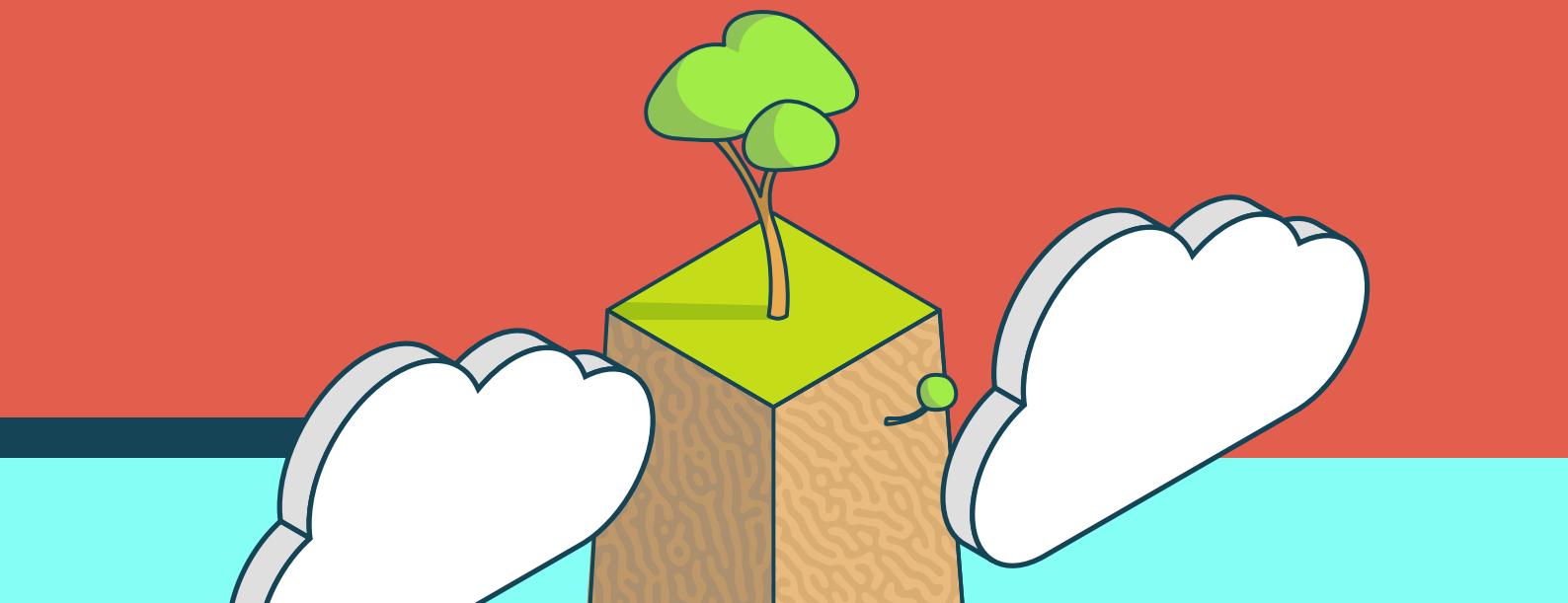




2ª MOSTRA
PICUA
DE CINEMA
E LITERATURA

FINALISTAS

POESIA





O LUGAR QUE NÃO É MEU LAR

Pê Artezes

o país é incrível, muito lindo!
VOLTA PRA TUA TERRA
fiz amizade com muitas pessoas, mas todas do meu país
NÃO ME MISTURO COM IMIGRANTES
deve ser pelo motivo em comum
NÃO FAÇO AMIZADE COM QUEM VEM ROUBAR O MEU EMPREGO NO MEU PAÍS
tive algumas paixões, aí sim com os "gringos"
MAIS UMA PUTA PRA MINHA LISTA
o salário é bom, dá pra viver bem
NÃO PAGAMOS HORA EXTRA
mas às vezes trabalho até 10, 12, 14 horas por dia
SE QUISER É ASSIM. SE NÃO QUISER, TEM QUEM QUEIRA
e a casa é maravilhosa, mas foi difícil encontrar ela
NÃO ALUGAMOS PARA PESSOAS DO TEU PAÍS
mas agora tô voltando pra casa
JÁ FOI TARDE
pro lugar que é meu lar
ESPERO QUE NÃO VOLTE NUNCA MAIS!



Pê Artezes é filha da piauiense Genivan de Menezes e do maranhense Josimar Duarte, é "filha do Norte e neta do Nordeste". Banhado pelas águas do Rio Branco, nasceu e se criou em Roraima, mas espírito curioso que é, já levou seu corpo a outros territórios. Outrora imigrante, carrega no peito as alegrias e as tristezas de viver no lugar que (não) é seu lar. É integrante do espaço cultural Casa Catitu e do ponto de cultura Usina Cultura. Amante de felinos, é "pãe" de 11 gatunos. Seus pronomes são ela/ele/elu.



KO'KO NON (Vovó barro em Makuxi)

Victor Hugo

Te celebro em vida
Para que não tema a morte
Vovó feita de barro
Te encontrar foi muita sorte

Antes de partir
Te peço permissão
No lavrado deixei oferenda
Para te tirar do chão

Misturo água e te modelo
Muitas formas você terá
Será tocada por várias mãos
E no fogo queimará

Do barro vovó nasceu
Ao barro ko'ko retornará
Para que panelas sejam feitas
E muitas bocas alimentar

Minha vovó ainda não é de barro
Mas logo, logo partirá
Voltará ao pó da terra
Ko'ko non se tornará

E antes que ela vá
Peço a todo caimbé enraizado
Que eternamente a faça viver
Vovó barro do lavrado



Victor Hugo, poeta Macuxi nascido em Boa Vista, Roraima. Inspirado pelo Hip-Hop, encontrou na poesia uma forma de enaltecer a cultura indígena e expressar revolta contra o desrespeito e a exploração dos povos originários. Premiado na Mostra Picuá de Cinema e Literatura em 2021 com a poesia "Makuxi".



TEPEQUÉM PARTIDO

Tercio Neto

Tepequém, bem lembro, infinda noite de setembro...

A lua vazia, entediada, rasgava as águas do Paiva,

Na penumbra, uma mística calma transbordava,

Ah... ecos da madrugada. Bateias da minha alma.

Buscava o meu platô, a Mão de Deus; algum vigor,

Exaurido, em peneirar meu eu, perdido e corroído,

Desejava outra vida... talvez, quem não fui um dia...

Então segui... meu guia? Tão somente a poesia,

Subi, desfiz os fardos; receios, medos, anseios,

Pés sem mágoas, picuá vazio, rumo à alvorada,

Inaudito caminho, onde não havia farpas nem espinhos,

Nele, jaz o brio, o vil, e o triunfo: venha, ó, novo mundo!

Na trilha, sangramos veias; cicatrizes garimpeiras,

Tilim do Gringo, Sobral, Paraíso, Vila do Paiva;

Funil, Passarão, Esmeralda,

Ó, flores e ipês! Téu-téus no Zé Quirino e Miudinho,

Ó, serra iluminada! Na Pedra do Índio, abrigos de suindaras,

Ó, divino firmamento! Nos mirantes, araras e revoadas,

Ah... ó, apogeu, cheguei então na Mão de Deus...

Lá, no topo sozinho... vi onde os egos definham...

CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA



Vi ninhos de sonhos perdidos, clarões, brilho antigo,
E, sim; amanhecia, a aurora anunciaava outra sinfonia,
Na beira do abismo, na bruma verde, adormecia,
Dormi dentro de mim, e, como num onírico destino,

Senti no farfalhar dos sonhos, Ele; meu eu menino...
Vi o curumim correr, e descer a serra; peralta,
A sentir os estalidos, nas pedras do Paiva,
Ouvir rugidos do Sobral, e a deslizar, pular no Barata,

Na laje verde, a banhar-se na névoa d'água,
O vi sorrir, das borboletas amarelas, à beira dos igarapés,
E a rir até soluçar ao correr e vê-las voar,
A rolar no lavrado, e imitar o andar dos tamanduás,

Lá, no Edinel, a citar nas paredes, com pincel,
Anoitece, hora de partir, o curumim volta a dormir,
Cansado; mas agora, de tanto ser criança, de fato...
Ele dorme em minha alma, aninha em meus braços...

Em sonhos, Ele talha meu eu, em pedra-sabão,
Esculpe meu espírito, reconstrói meu coração,
Ele, cinzela; nos funde ao Tepequém, é além...
Ah... no Fogo de Deus, o menino poeta, renasceu.



Tercio Neto é servidor público, jornalista, poeta e mestre em Desenvolvimento Regional da Amazônia. É graduado em Jornalismo e Gerontologia, com especialização em Metodologia do Ensino Superior e em Reabilitação Visual. Atualmente, é acadêmico de Letras. Escreve textos sobre cultura, esportes e turismo. Foi vencedor na categoria Egressos do IFRR com a poesia "O último caimbé", no Concurso de Arte e Cultura 2024, com a temática "Arte e cultura em tempos de emergência climática".



OBRAS SELECIONADAS / POESIA

A PARTIR DE AGORA OS POEMAS SERÃO PUBLICADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, CONFORME O NOME DE CADA AUTOR.

CHÃO

Aline Baú

Recostar a cabeça no colo de um amor —
novo ou antigo,
nascido muito recentemente ou cultivado por décadas.
Encontrar, na pequenez da vida,
motivos suficientes pra fazer o coração bailar dentro do peito.
Trazer à memória aquilo que dá esperança.
Constantemente, arrancar-se de si mesmo
e retomar o fôlego,
a força,
a fé.
Rir de umas bobagens.
Não assistir ao jornal.
Abrir mão de algumas profundidades
e perceber que a potência da vida —
e da poesia —
se dá mesmo
no raso,
na borda,
na beira.
Escrever o chão dos nossos dias:
a poeira,
a fuligem,
a faísca.
O que se passa debaixo das nossas vistas
e da porta pra dentro da nossa casa:

CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA



o choro,
o cheiro,
a comida —
aquilo que só existe
quando a gente olha,
percebe
e inventa.
Os retratos guardados
por cima da cômoda
e debaixo da memória.
A textura da pele,
a quentura das mãos,
o nosso nome na boca de outra pessoa.
Escrever o que é possível de toque,
de tez,
de tato.
O que minha pele alcança,
o que meus braços suportam:
o peso do sono de minhas filhas,
o colo,
o cuidado,
o caminho.
A estrada que liga o meu coração
até a ponta dos meus dedos.
É por ela onde escrevo.



Aline Baú é psicóloga por formação, mãe de quatro meninas por vocação, e apaixonada pela poesia dos dias comuns.



Rio (Deus está morto)

Caique Pinho Souza

Como leve pássaro branco, flutuo por sobre o deus-rio,
que corta com peso a floresta de pedra escura, outrora verde.

O cheiro empurra os novos olhos
com uma secura ardente —
doem como se fossem pregos na pele fina.

Deus está morto.
Seu sangue corre escuro,
leva consigo o pranto que outrora fora riso.

Ó querido deus, desculpe.
Te sangrei com sacos brancos de pão,
restos de comida em putrefação
e mercúrio.

Sou responsável por teu martírio.
Ainda assim,
tomo teu sangue,
rego minhas folhas verdes,
banho em teus filhos,
que sozinhos correm para ti —
do Aracati ao Caçari.

Deus está morto.
Seus pequenos seres esbranquiçados flutuam,
com escamas pálidas como o peito
de quem se orgulha em dizer:
“aqui há de ter progresso”.

Como uma veia ardente,
e agora nada branca ou transparente,
corre para teu velho pai — o Amazonas,
que agora anseia por proteção.

CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA



Querem furar seu peito,
e na foz de tudo que há,
vão matar o velho deus,
já que seus filhos aqui jazem.

Deus estará morto.
Grilhões põem em teus netos,
peles cor de terra,
armados com flechas —
agora de palavras,
bordunas feitas de maços quadrados de papel,
ao qual chamam Constituição.

Prezam por luta,
prezam por preservar o que ainda têm,
sonham pelos outros,
mesmo por quem não os quer bem.

O que querem os que queriam nos proteger?
Mais dinheiro?
Mais poder?

Nosso deus está morto.
E ainda assim nos dá de comer e de beber.
E tudo flui —
até um dia não mais,
ou nunca mais,
poder.

A foz de um velho deus
não pode,
e não deve,
furos conter.



Caique Pinho Souza, 32 anos, é poeta desde os 15, do povo Wapichana. Natural da Comunidade Indígena Campinho, na região da Serra da Lua, vive atualmente em Boa Vista (RR). É pai de João Gabriel e Maria Lucia, companheiro de Ana Lucia Montel e estudante de Jornalismo na UFRR. Integra o Coletivo Resistir Produções e atua como fotojornalista do Conselho Indígena de Roraima. É fruto da educação popular do campo, da periferia e das comunidades indígenas. Acredita na força dos contadores de histórias, das boas amizades e na transformação da sociedade por meio da educação e da valorização da cultura.

ENVELHECIDAS

elimacuxi

Nem stalker, nem hate, nem crush, nem date:

vou de amor, saudade, carinho, amizade,
ódio, pena, perversão, crueldade...

Eu sei, sou uma pessoa envelhecida e de palavras velhas.

Durante o dia,
desavergonhadamente as uso e reuso,
do jeito que são: puídas, rotas, remendadas.

À noite, me aquece uma colcha de retalhos
de versos velhos e verbos gastos.

Quando, em silêncio, me reúno comigo,
abandono as palavras desgostosas e
sonho festas com as partículas amorosas
sobre as quais me deito:

um leito de seixos rolados, firmes e sem arestas,
com que busco calçar o coração e a mente imodesta.

Sem essas palavras velhas, cansadas e fora de moda,
o que penso e digo nem a mim importaria,
e tudo seria a mesma nódoa —
não valeria quebrar silêncios.

Sem amor, saudade, carinho e amizade —
essa velharia em desuso e esquecida —
nenhuma poesia mais me habitaria.

E, sem poesia, em desuso fica a vida.



elimacuxi não escolheu nascer na favela do Jardim Peri em São Paulo, mas decidiu onde queria viver: Roraima. É poeta, mulher cis em retomada de sua identidade indígena apagada pela colonização, curiosa em fotografia, historiadora de formação e doutora em artes. Em sua poesia e pesquisa, parte de questões mais íntimas para compreender problemas que a afetam diretamente, como a memória coletiva e as desigualdades nas relações de gênero. Docente no curso de Artes Visuais-UFRR desde 2013, seu lema de vida tem sido "conhecimento e amor mudam o mundo".



FRAGMENTADO

Gabriel Alencar

Gostaria muito de me apresentar
mas não é tão simples assim
é que estou espalhado por aí
nem sei se de fato sou
uma unidade de mim
tenho uma parte
que está presa em outro lugar
e aí eu



ou então eu falo para mim mesmo
que sou um intelectual, que



CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA



Meus poemas retratam essa pseudo-singularidade
de uma falsa, nula identidade
são quebrados, espalhados, difusos
tentando mostrar um todo que não existe
em partes que simulam ser tudo, enfim,
que apenas disfarçam
fragmentos de mim
E aí sigo tentando identificar
o que é todo, o que é parte,
o que é verdade, o que é arte
e no final sobra muito pouco
poucos pedaços espalhados
retalhos e estilhaços
São o que restou do meu fim
essências fracionadas
peças jogadas
partículas de mim.



Gabriel Alencar, nascido e criado em Roraima, é autor das obras *Personagens não bíblicos e suas histórias* (2019), *Outros personagens não bíblicos e suas histórias* (2021), *É a vida: microcontos de risadas, amor e morte* (2021) e *Pois é e outros microcontos* (2023). Foi finalista no IV Concurso Internacional "Cuéntame un cuento" (2020, Espanha) e conta com dezenas de premiações em concursos e seleções literárias no Brasil e no exterior.



MEU NOME É: MULHER

Maria Gabriela Villalba / Alcy Villalobos

Ardem as palavras de cada uma das letras do meu nome.
Ardem, queimando-me por dentro,
para deixar sair uma nova voz a cada dia.

Nasci terna e delicada,
qual orquídea de lábios amplos.
Fui gerada pela terra —
terra que hoje queimam,
violentando minha doçura;
violência silenciosa, como um golpe mortal.

Minha alma se encolhe
e meu corpo trêmulo resiste ao tormento do homem,
que me açoita num ciclo infernal:
primeiro, uma palavra dura;
depois, o amor se torna uma jaula de medo,
e os sonhos se despedaçam com golpes.

A esperança se vai e, repentinamente,
torno-me terra feroz,
desde minhas entranhas,
e renasço desde dentro.

Há em mim uma mórla
crescendo para dentro de mim.
Vou me desprendendo
de todos os meus "eus" sobrepostos.
Algo se divide em mim, comigo.

A gravidez amplia minha cintura —
sutil e gradualmente.

Meu nome é mulher,
e cresce em mim um ser valente
que toma de mim tudo o que sou.

Meu corpo se desprende por dentro,
enquanto se forma um novo ser
que parirá esta terra,
que virá a este mundo.

CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA



Doce princesa nasceu,
e minha alma revoluteia
entre angústia e medo...

Sim, medo impiedoso que se semeia no ser —
e eu não o quero.

Imagino mãos alheias
tomando a ingênua criatura,
querendo possuí-la em pecado mortal.

Minha garganta rompe o silêncio aqui,
diante de vocês...

Socorro!
Um pranto sufocado,
um grito que não pode escapar.

Eu, mulher,
em meu canto escuro,
vivo um martírio.
Sofro em silêncio
e não tenho forças
para abater o homem perverso.

Por que o homem, com sua força,
causa tanto sofrimento?

BASTA!

Minha voz se ergue.
Sou um coração partido na espessura da selva.
Sou MÃE TERRA, que brota na ramagem.
Sou arte e semente;
sou flor e caule na linhagem.

Sou branca, celeste, azul.
Sou arco-íris milagroso.
MEU NOME É MULHER, e estou de pé.
E permaneço.
Tenho voz —
e minha voz não se cala



María Gabriela Villalba é mãe e mulher da etnia indígena Wayüu, nascida na Venezuela, artista da cena e migrante atuante nas artes e na cultura entre a Venezuela e o Brasil. Licenciada em Artes Cênicas pela Universidad del Zulia, destaca-se como bailarina, performer, educadora social e proponente cultural, com mais de 20 anos de experiência.



SY AYSÚ

Rosidelma Fraga

Índia, exótica ou pretinha, hahaha! Eu não sou!

Já cantaram as aves da Graúna e Kambeba.

Escute bem, meu senhor:

Não me chame de "sua nega"

Não me tome de **caboquinha**

Não sou sua "cor do pecado"

Muito menos sua **mulatinha**!

Não me venhas com dengos, seu racista!

Não insista! Sou anti-colonizador!

Grave bem, meu senhor:

Não sou seu **corpo-território**!

Meu corpo é **life afro-livre**

Meu corpo é **sem suspensórios**.

E assim, eu canto porque **re-existo**:

Eu vim de lá, eu vim de lá...

Eu vim de **lá**, eu vim dançando **parixara...**

Sou a cunhã do aroma de **patchouly**!

Eu vim de lá, eu vim de lá...

Eu vim **dali**, sou **patuá**, eu sou **daqui**!

E tem mais, seu **karaiva**:

Eu sou a **Sy** guerreira que abriu as pernas,

gozou poesia e gerou **Makunaima**!

E assim nasceu este filho **trans-amor**:

Sou kunhã poranga, sou **guarani...**

Muito prazer! Eu sou **Aysú macuxi**!

CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA



Glossário explicativo do poema

Aysú: amor, em tupi-guarani; e no poema significa "Amor" sem especificidade de masculino para contrapor com a palavra poética trans-amor para todos os povos originários, sem preconceitos de raça, gênero e etnia.

Karaiva: A origem da palavra "caraíva" é indígena, da língua tupi-guarani. Ela é formada pela junção dos termos "kara'í" (que significa "senhor" ou "chefe") e "yba" (que significa "terra" ou "lugar"). Portanto, "caraíva" pode ser traduzida como "terra do chefe" ou "lugar do senhor". No poema a expressão foi utilizada como **senhor branco, invasor do corpo-feminino-indígena**.

Kunhã poranga: no poema, preferiu-se a grafia em tupi-guarani.

Parixara: dança, mas no poema a expressão é utilizada como um canto em lá menor.

Patchouly: aroma ogostemon patchouly, designada patchuli de Java, usado na indonésia e na música Roraima de Zeca Preto, sentindo intertextual utilizado no poema para a mostra Patuá.

Sy ou Ci, ou Maya: Mãe, tupi antigo, em tupi-guarani e Ci, em línguas indígenas existentes como Wapichana.

Sy Aysú: No poema, o significado é mãe-amor, aquela que pariu o Brasil e não aceita mais ser corpoterritório de invasores de terras indígenas.



Rosidelma Fraga é poeta, contista e doutora em Letras. Atua com Literatura Brasileira, afro-brasileira e africanas. Autora de Poiesis em verso e prosa, Cantares de Amor, Amoramante e Africanua. Publicou o infantil O mundo fantástico da menina Angelman. Tem obras apoiadas por editais como Lei Paulo Gustavo e Aldir Blanc. É organista, com hiperfoco em música e poesia. Instagram: @rosidelmafraga.



O peso que me enverga a alma

Zanny Adairalba

Não me pesa ser mulher
O peso que me enverga a alma
É o de tecer fartos fios de bravura
Vê-los e revê-los partidos
Pelas lâminas de navalhas
Incapazes de entrelaçá-los
Ser mulher?
Não me enverga a alma
O que me enverga a alma
É abrir as horas
E ver o rastro dos massacres
Entre as folhas apagadas pelo tempo
Pela tinta que escarlate
Se distorce nas histórias mal contadas
Por sopros desalinhados
E mãos que dominam penas
Não me pesa ser mulher
O peso que me enverga a alma
É a leveza de outras faces sendo exposta
Como atração de algum circo
Bicho vendido na feira
Dente à mostra peito às sobras
E ventres sendo tomados
A couro cru e fel
E outra vez a navalha
E outra vez ser bravura
E outra vez ser somente
Quem sabe alguma semente
Solvete dessa amargura



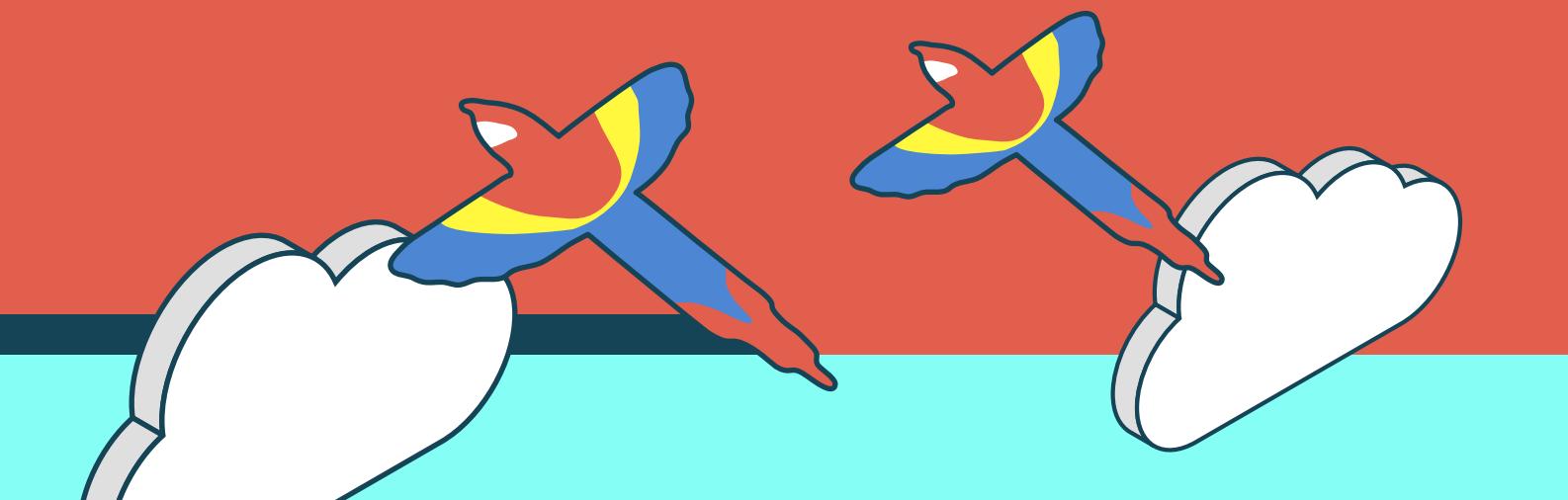
Zanny Adairalba é poeta, compositora, dramaturga, mestra da cultura popular e imortal da Academia Roraimense de Letras, cadeira 25. Autora de 14 obras literárias, acumula em seu currículo diversos prêmios por seus trabalhos literários e musicais. Junto ao Coletivo Caimbé — associação cultural sem fins lucrativos com atuação no estado de Roraima — promove ações voltadas à promoção da cidadania, por meio do fortalecimento da leitura e da literatura.



2ª MOSTRA
PICUA
DE CINEMA
E LITERATURA

FINALISTAS

PROSA





PERCURSO

Gabriel Alencar

No mundo dos peixes, os tambaquis conversavam:

— Rosana, não tem condições. Vamos ter que nos mudar.

— Raimundo, mal acabamo de se mudar!

— Eu sei, mas é que aquilo tá chegando.

Rosana parou de nadar por um segundo.

— Certeza?

— Certeza. Chegou um cardume de matrinxã contando tudo hoje.

Rosana suspirou água. Às vezes, não estamos preparados para as correntezas da vida.

— Mas pra onde a gente vai?

Raimundo deu de guelras.

— O jeito vai ser ir lá pros teus parente no Rio Amajari.

— Ah, não...

Mas não tiveram outra escolha. Pegaram as coisas e seguiram pelo Rio Uraricoera. Era o jeito. No caminho, encontraram conhecidos que também iam embora. Ninguém falava muito, havia um fatalismo no ar. Só se animaram de novo quando chegaram na embocadura do Amajari.

— Eita, Rosana... tu lembra da última vez que estivemos aqui?

— Ô se lembro, viu?

— De repente, essa vai ser uma mudança boa.

— É, pode ser mesmo.

Nadaram sem pressa. Não encontraram muitos peixes no caminho, o trânsito estava bom. Não era de se surpreender. Em épocas de aperto, todo mundo quer ir pro Rio Branco, pro Tacutu. Os mais ousados iam pro Rio Negro. O casal de tambaquis olhava ao redor e se dava conta de que era bom estar em sua terra.

Pararam ao meio-dia, o calor estava demais. Encontraram uma sombra e se aconchegaram. Não perceberam que havia um velho jaraqui ali também.

— Epá! Quem é?

— Opa, vai desculpando aí — disse Raimundo. — A gente só quer descansar um pouco.

— Hum.

Não falaram mais nada por um tempo. Rosana ficou próxima de Raimundo, olhando desconfiada para o velho, que devolvia o olhar.

— Tão indo pra onde?

— Vamo subir aqui o rio até a Pedra Cortada, aquela na margem lá em cima.



- E é? Tão indo pra lá por quê?
- Nossos parente moram lá.
- Ué, vocês são parente da finada D. Francisca?
- Ela mesma!
- Hum.

Dividiram umas frutinhas de almoço e alguns insetos. Rosana não gostou muito da ideia, mas não se faz desfeita com os vizinhos.

- E o senhor, tá indo pra algum lugar? — Rosana se animou a perguntar.
- Não.
- Ah...

Rosana sentiu um cutucão de Raimundo, sinalizando que ela falou algo que não devia. Foi então que percebeu como o velho jaraqui estava machucado... ou algo estava errado. Ah, ele estava doente... Será que foi aquilo? Rosana se afastou.

Não conversaram mais. Quando o sol esfriou, se despediram do velho e seguiram rio acima. Pouca coisa e já estariam com a parentada toda. A mãe de Rosana era gente boa, só tinha uma voz de matraca. De onde estavam, já conseguiam ver a sombra da Pedra sob a qual se abrigava a parentada. Sem perceber, nadaram mais rápido. Havia neles uma ânsia não dita de chegar logo e voltar a um senso mínimo de normalidade.

Mergulharam para o fundo. Esperavam, a qualquer momento, a velha gritando ou os tios e primos chegando pra ver quem era. Mas não ouviram nada. Na verdade, estava até difícil de enxergar. Raimundo tentava entender.

- O que é que...

Então entendeu. Começou a tossir. Olhou para Rosana e depois para a Pedra acima deles, onde a família toda boiava por causa do mercúrio.



Gabriel Alencar, nascido e criado em Roraima, é autor das obras *Personagens não bíblicos e suas histórias* (2019), *Outros personagens não bíblicos e suas histórias* (2021), *É a vida: microcontos de risadas, amor e morte* (2021) e *Pois é e outros microcontos* (2023). Foi finalista no IV Concurso Internacional "Cuéntame un cuento" (2020, Espanha) e conta com dezenas de premiações em concursos e seleções literárias no Brasil e no exterior.



MARIAS

Flor do campo (Andrea Estevam Dias)

Escutou a voz rouca da sogra avisando que, naquele dia, o filho faria sangue de mulher descer. Recolheu roupas do varal, úmidas, exalavam coco. Olhou para as barras de sabão que fizera no dia anterior — a trabalheira no fogareiro, soda cáustica, calorão no ventre, o mexe-mexe sem parar. Queria levar algumas, mas apenas catou Janaína do chão.

No espaço entre o arame farpado da cerca, espremeu o corpo magro, segurando a cabeça da filha. Ralhou baixinho com Tobias para que se afastasse. Ao longe, o ronco da moto de Everaldo. A faquinha de cabo branco estava enfiada no cós da calça. Correu pelo matagal, escondendo-se entre árvores e arbustos.

O mato cortava suas canelas finas, ardendo com o suor. O cabelo colava na testa. Olhou para Janaína. "Se aquele diabo encostar na gente, eu mato." De sítio em sítio, chegou à casa da mãe. Dona Maria viu a filha surgir entre os buritis com a menina no colo e soube que era desgraça muita.

- O que foi, Tereza?
- O Everaldo quer me matar.

— Deixa aquele urubu da costa oca chegar aqui que eu corto ele no terçado.

Maria já estava de café passado. Era cedo que levantava para Seu Chico. Ovos recolhidos, lençol alvo esticado por seus dedos nodosos. Tapioca grossa, como velho gosta. Casa limpa, chão ciscado. O marido ao longe, na estrada de barro. Agora sim, poderia tomar seu desjejum.

- Vem com a vovó, Janaína.

A néném sorriu.

- Essa menina tá cocô, Tereza!
- Mãe, foi um alvoroço. A velha sabia. De manhã, estava no alto do morrinho à procura de internet.
- Toma um café com beiju, que aqui ele não vem. A formiga sabe a folha que corta.
- Nessas horas é até bom a senhora ter o apelido de Maria Arranca Braço.
- E pra arrancar outro é daqui pra lí!

Maria não esqueceu do sangue quente espirrando no rosto quando o golpe acertou Benedito. Ele batia na porta, as meninas choravam. Gritou para que fosse embora. O desgraçado insistiu. Quando abriu, agarrou-a pelos cabelos. O facão a mirou de dentro da bainha pendurada no escape da rede. Um talho direto e certeiro no úmero. Num golpe, arrancou a mão que lhe feria.

Mudou de estado para não ser presa, mas maranhense sempre encontra



maranhense. O apelido pegou. Quando perguntavam, ela mesma dizia: Maria Arranca Braço.

Seu Chico era homem bom, sem confusão. Quando soube que Everaldo queria matar a filha, ajeitou suas ferramentas numa mochila infantil, pediu licença à patroa. Montou na bicicleta do ajudante de pedreiro e sumiu na poeira. Mal chegou à casa, soltou o guidão, desfazendo-se do magrela, o aro ainda em movimento, ferramentas pelo chão.

— Maria, cadê Janaína?

— Homi, chegou foi cedo. Ela tá no quarto, embalando a menina na rede.

— Quem diria, Everaldo me aprontando uma dessas. Nem escutou o lado da minha filha.

— A sogra fuxicou. Da mãe, ninguém duvida.

Seu Chico viu a peixeira afiada nas mãos da esposa, os dedos como garras. Tocou-lhe o antebraço, soltou o instrumento. Antes de sair da patroa, mandou o ajudante avisar a delegada.

O casal avistou a sirene do carro de polícia. Ele abraçou os ombros da esposa, beijou e cheirou sua nuca. Depois, sussurrou baixinho:

— Esqueça a Maria Arranca Braço. Agora temos a Maria da Penha.



Andrea Estevam Dias nasceu em São Luís, Maranhão, e fincou raízes em Roraima aos 10 anos. Mulher preta, amazônica por escolha e destino, é antropóloga e mestre em Sociedade e Fronteiras. Mediadora de leitura e arte-educadora, vive entre terreiros e igrejas. Sua poesia é reza, denúncia e consolo. Escreve como quem semeia encantamento, costura mundos e sonha um viver em que a dignidade seja verbo cotidiano.



ANIMAIS SELVAGENS

Amarildo Ferreira Júnior

para Karla Oliveira

— Os bombeiros estão sobrecarregados e o governo não priorizou os brigadistas, disse, indignada, Cecília. — Podemos pensar em atividades com os meninos. Enquanto ouvia, Violeta lembrava que Cecília tinha afirmado que jovens estavam ateando fogo, por esporte, nas praças e parques da periferia da cidade. “É um ímpeto auto-destrutivo. Que loucura!”, ela falou pela manhã.

Não segurou: — Olha, Cecília, esse papo de Sra. Morello não convence. É preciso fazer alguma coisa, sim, mas é melhor deixar de lado esse discurso de criminalização da juventude. Isso não resolve o problema, só marginaliza quem nunca é levado a sério neste país.

Cecília ficou ofendida, mais por ter sido chamada de Sra. Morello do que pela indicação de sua contradição. Ela tentou responder alguma coisa mas foi inútil, porque, ainda quando falava, Violeta se levantou para ir à sala ao lado conversar com Leonor, que voltou com a notícia de que várias escolas estavam suspendendo as atividades por conta da fumaça. Há um mês que a fumaça estava bastante densa e o ar, difícil de respirar. — Lá para os lados de Alto Alegre está feio, disse.

— Uma coisa a Cecília tem razão: o governo foi omissa na contratação de brigadistas, e, com a emissão de licenças para queimada, foi a combinação perfeita para essa situação, disse Violeta. Até a hora de sair, ela ficou ali, definindo ações que poderiam ser feitas. Iria passar a noite com a namorada, cuja asma ficava irritada com o fumaceiro.

Enquanto dirigia, ia pensando na situação. De manhã, tinha lido um livro que falava sobre uma dança entre catástrofes e erros.

“cantem por muito tempo e dancem entre as catástrofes

[e os erros”¹

Não sabe o por quê, lembrou da época em que trabalhava em Bonfim. Naquele tempo, fazia a viagem de Boa Vista a Bonfim todos os dias. Embora cansativo dirigir na BR-401, aquelas viagens rendiam boas conversas e a observação da paisagem mudando, acumulando tempos de forma desigual. Lembrou um dia em que estava voltando à noite e um tamanduá-bandeira atravessou a rodovia. Uma tamanduá-bandeira, na verdade. Rosilda ainda tentou desviar o carro, não adiantou.

Naquele horário e na escuridão, tiveram sorte de que os danos provocados no carro permitiram chegar até Boa Vista. A tamanduá-bandeira não teve a mesma

sorte. Isso ainda a assombra e foi um dos motivos que a fez largar esse trabalho. Antes, quando contaram a Cristina sobre o ocorrido, tiveram a ideia de criar adesivos de placas “CUIDADO COM OS ANIMAIS SELVAGENS”, mas que traziam uma tamanduá-bandeira no lugar do veado. Ainda hoje é possível ver alguns deles ao longo da BR-401. “recolhamos a herança da ignorância, da traição e do crime”, “ainda nos resta uma linha antes de completar a história”, lembrou, ao chegar à casa da namorada, de mais esses versos. Aqueles dias estavam muito desconfortáveis. Havia uma seca na voz das pessoas.

¹ Os versos citados neste texto são do poema “Os Filhos de 1948”, de Samih Al Qassim (1939-2014).



Amarildo Ferreira Júnior é professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima – IFRR, Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima (PPGSOF), Doutor em Ciências: Desenvolvimento Socioambiental (NAEA/UFPA), Pesquisador associado à Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), Associação Brasileira de História Oral (ABHO), Red de Patrimonio de Venezuela (REDpatrimonio.VE) e Rede de Pesquisadores de Turismo, Patrimônio e Políticas Públicas da Pan-Amazônia (TPP - PAN-AMAZÔNIA).



OBRAS SELECIONADAS / PROSA

A PARTIR DE AGORA AS PROSAS SERÃO PUBLICADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, CONFORME O NOME DE CADA AUTOR.

QUANDO O FIM CHEGAR

Edgar Borges

Quando os sinais do teu fim chegarem, escreve com ódio. Bate forte os teus dedos nas teclas e expressa todo o teu rancor, todo o teu mal-estar, tudo aquilo que te angustia, te consome, te faz mergulhar num redemoinho de trevas. Rasga o papel com a ponta da caneta, se for papel e caneta o que tiveres à mão. Bota nas palavras o teu eu carcomido, enegrecido e temeroso com o porvir. Esvai-te no que sair dos teus dedos fumegantes, que nunca serviram para nada além de apontar os outros — para rir deles, e até com eles.

Quando os sinais da tua partida definitiva chegarem, chora. Tudo te será permitido, dentro do adequado. Em um canto da sala, lamenta tua vida: encolhido, pouca luz, camisa suada, rosto molhado, os ratos passeando pelo cômodo e te olhando com menos desejo do que com desprezo. Chora como se nunca tivesses rido. Chora como se fosses um cachorrinho preso em um cercado minúsculo, sem entender se está para começar uma nova vida, numa nova casa, ou se a pessoa com a agulha na mão se aproxima para brincar — ou para a tua luz apagar.

Quando os sinais do teu adeus aparecerem, lamente. Lamente tudo o que fizeste errado, o que não fizeste, o que planejaste demais e nunca levaste à frente.

Lamenta cada beijo não dado, cada fuga adiada, os sorrisos escondidos demais, as risadas expostas demais. Lamenta não ter enviado cartões de amor e bem-querer quando podias, e lamenta não ter cancelado as mensagens de raiva enquanto o fogo ardia.

Quando o fim chegar, lembra-te muito bem: por mais sozinho que se esteja, sempre se está acompanhado de tudo o que se poderia ter feito.



Edgar Borges é escritor e produtor cultural, com ancestralidade étnica Wapichana. Mora em Roraima desde 1991, quando retornou da Venezuela, onde nasceu e viveu até a adolescência. É autor dos livros de contos, crônicas e poemas *Roraima Blues* (2008), *Sem Grandes Delongas* (2011), *Incertezas no meio do mundo* (2021), *Flores do Ano Passado* (2022) e *Há sol em nossos olhos* (2024). Participou de atividades literárias em todas as regiões do país. Também é colecionador, corredor de longa distância, pai e leitor de HQs.



COLAR DE PUCÁÁ

Inara Nascimento

Cunhã cresceu com os olhos no horizonte, onde sua mãe estava: Manaus. Naná partiu quando Cunhã ainda era pequena, baixando para a cidade embalada no rio que secava e enchia a cada ano. Foi ser empregada doméstica na cidade. Todo mês, sem falhar, um pacote chegava: arroz, farinha, leite em pó, roupas usadas e, às vezes, um bilhete que cheirava a saudade.

Desde cedo, Cunhã aprendeu a lidar com a ausência da mãe como quem se acostuma com a seca: machuca, mas, quando a chuva vem, devolve a esperança. Ela se agarra à promessa que Naná fizera: "Quando você entrar no ensino médio, vem pra cá. Quero que estude e faça faculdade." Até lá, sonhava com o reencontro entre banhos de rio e a rotina de descascar mandioca.

O dia chegou. Com 15 anos, Cunhã desembarcou em Manaus, com os olhos arregalados diante de tantas luzes. Foi morar com Naná num quartinho de fundos onde o cheiro de sabão em barra parecia nunca desaparecer. Mesmo sem trabalhar, Cunhã se lembrava da delicadeza com que acompanhava Naná às casas onde limpava. "Não suja nada, minha filha", repetia a mãe, baixinho, como um mantra. Assim, a menina cresceu sabendo que, em certos espaços, seu corpo deveria ser invisível.

Com uma bolsa de estudos numa escola particular religiosa, Cunhã sentia um peso que não sabia nomear. A escola era grandiosa, salas brancas e frias. No meio da biblioteca, um acervo de artefatos indígenas. Curiosa, ela se aproximava dos colares, flechas, cocares, mas logo sentia um aperto no peito. As plaquinhas descreviam tudo de forma distorcida: "relíquias de um povo primitivo", "objetos de evangelização". Como podiam chamar de relíquia o que ainda pulsava na memória dos velhos? A tristeza se misturava com uma raiva silenciosa.

Quando passou no vestibular de Jornalismo, parecia um sonho. Mas a faculdade veio com um preço. Para bancar os estudos, Cunhã começou a fazer diárias como doméstica. Não era o trabalho em si que incomodava, mas o cheiro dos produtos de limpeza ardia nos olhos, nas mãos, e o silêncio das casas a fazia sentir-se pequena e fora do lugar.

Um dia, foi chamada para limpar um apartamento num prédio. Quando a porta se abriu, seu coração disparou. Era a casa da professora de Comunicação, aquela que falava de diversidade cultural como se entendesse tudo. Cunhã hesitou, mas entrou.

O apartamento era amplo, iluminado, repleto de janelas. Nas estantes e mesas, artesanatos indígenas: maracás, cestarias, colares. Objetos que carregavam memórias, mas ali eram apenas decoração. Sentiu um misto de vergonha e revolta. Enquanto limpava, lembrava-se das palavras da mãe: "Não

CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA



“mexe em nada, minha filha. Essas coisas não são pra gente.” Mas ali, tudo era da gente.

No quarto, sobre um móvel impecável, estava um colar de pucáá. As sementes escuras brilhavam sob a luz. Sua mãe falara dessas sementes, protetoras, sagradas. Cunhã nunca tivera um colar como aquele. Sentiu um impulso. Pegou-o. Apertou na mão. Não sabia explicar por quê, mas sentia que precisava levá-lo de volta para alguém que entendesse sua força.

Dentro do elevador, com o coração acelerado, sentiu algo se desfazer. O colar se arrebentou. As sementes rolaram pelo chão de aço frio. Ajoelhou-se, recolheu uma a uma. Ao chegar à portaria, entregou-as ao porteiro.

“É da professora”, disse, a voz trêmula. Sem esperar resposta, virou-se e saiu.

Naquele dia, ao voltar para casa, sentiu as mãos vazias e, ao mesmo tempo, um alívio estranho. Talvez fosse a força do colar. Ou do seu próprio povo. Mas algo dentro dela dizia que um pedaço do seu território continuava intacto.

Talvez ela fosse como aquele colar: arrebentada, mas ainda sagrada.



Inara Nascimento é mulher Sateré Mawé, feita de dança e farinha. Amazonense de umbigo e roraimada de bucho, é poetisa, focalizadora de danças circulares, forrozeira e integrante do conselho da Associação Cultural Indígena do Estado de Roraima – KAPOI. Coordena o Espaço Cultural Casa Catitu, em Boa Vista (RR). Professora do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena (UFRR), é cientista social, mestra em Antropologia Social (PPGAS/UFAM) e doutora em Ciências Sociais (CPDA/UFRRJ). Território, corpo e espírito em feitura.



ESQUECERAM O ESCRITOR

João Euclides

As vendas do escritor-vendedor de livros, Seu João, foram boas naquela manhã de quarta-feira, na entrada do Supermercado Gavião Concept. Depois, João utilizou o seu telefone para pedir um carro pelo aplicativo. Corrida aceita, tempo de espera de três minutos. Quando faltava um minuto para a chegada do carro, o telefone do João tocou uma vez, tocou duas vezes e, só no terceiro toque, ele atendeu a ligação.

- Aqui é o motorista do aplicativo. O senhor tem muita coisa pra levar?
- Não, só uma sacola com livros e três sacolinhas com mantimentos.
- Ok, estou a caminho.

João estranhou aquela abordagem, já que não é normal esse tipo de procedimento. O carro chegou. João abriu uma das portas traseiras do Fiat Palio, cumprimentou o motorista e, em seguida, colocou as compras e a sacola com os livros dentro do carro. Fechou a porta e, quando se preparava para abrir a porta da frente e ingressar no veículo, o motorista arrancou em disparada, cantando os pneus. João gritou, chamou pelo motorista, ameaçou seguir o carro, mas não tinha como.

Quando o carro sumiu do seu radar, ele entrou no supermercado.

- Ei, pessoal! Acabaram de me assaltar!

O alvoroço foi grande dentro do mercado, funcionários e alguns clientes querendo saber detalhes do suposto assalto. João passou uns cinco minutos explicando o ocorrido, até que apareceu uma pessoa sensata para ajudar a resolver aquele imbróglio. Era a gerente do supermercado, Sra. Fátima.

- Seu João, o senhor já ligou para o celular do motorista do aplicativo?
- Não, senhora. Ainda não havia pensado nessa possibilidade.
- Pois ligue pra ele. Tenho quase certeza de que o motorista esqueceu o senhor.

E lá foi Seu João ligar para o celular do motorista do aplicativo. Logo no segundo toque, ele atendeu.

- Alô, quem é?
- O senhor tá aonde?
- Estou deixando um passageiro na casa dele. Neste momento, estou estacionando em frente à casa do passageiro, seu João.
- Verifica se o passageiro — esse tal de seu João — está dentro do veículo.
- O motorista olhou para o banco traseiro e, como não havia ninguém, deu um grito:
- Aqui não tem ninguém!
- Pois é, não tem ninguém porque o senhor me esqueceu aqui no Gavião.

CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA



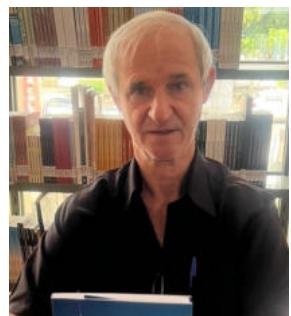
Por favor, volte e venha me buscar.

Rapidamente, o motorista retornou até as dependências do supermercado para apanhar Seu João. Chegou voando, mascando chiclete e com a música nas alturas. Aparentava ter lá seus 18 anos — ou talvez um pouco mais.

A bronca do João pra cima do motorista foi "quase" cordial. E assim, apesar do sermão, tudo terminou bem. Quando o carro estacionou novamente em frente à residência do João — agora com ele dentro — os dois caíram na risada.

— Me desculpe mais uma vez, seu João.

— Tranquilo, cara. Você ainda é um rapaz novo e tem muita coisa pra aprender. Como, por exemplo, não deixar o passageiro pra trás. E, de agora em diante, preste mais atenção no seu trabalho. Boa tarde e bom trabalho!



João Euclides nasceu em Três Passos, RS. Quando tinha apenas três meses de vida, seus pais se mudaram para a vila de Selbach. Ali viveu sua adolescência, até mudar-se, aos 18 anos, para Porto Alegre. Foram oito anos na capital gaúcha, até que seu espírito aventureiro lhe sugeriu novos ares. Em 19 de janeiro de 1981, chegou a Boa Vista, no estado de Roraima. Movido pela saudade e pela obstinada vontade de escrever, nasceu o sonho literário que hoje já está materializado em sete livros.



LIBERDADE

Rafah Black

Fui sequestrada da minha terra. Após dias caminhando, me jogaram em um navio com outras pessoas e com aqueles monstros que nos acorrentavam. Ficaram para trás meu lar, meus pais e minhas irmãs. Até hoje a saudade deles me atormenta, mas estou feliz por não terem sido capturados também.

Desembarquei em um lugar chamado Belém, onde fui rebatizada de Maria e comprada por uma senhora branca, viúva havia muitos anos. Mas meu nome verdadeiro sempre esteve na minha cabeça. Sempre o corrigia mentalmente para Luena, que significa “combatente gloriosa cheia de graça”, nome e significado dados pela minha mãe. Trabalhei manhã e noite para conseguir dar conta do serviço da Casa Grande e vender meus quitutes na praça do centro de Belém. Após dois anos, comprei minha alforria e um pequeno barraco no bairro da Sé.

Certo dia, já tarde da noite, bateram à minha porta de forma desesperada, aos berros:

— Abra essa porta, por favor! Não tenho para onde ir, senhora! — dizia.

Abri desconfiada e vi uma menina tão jovem, de pele preta e um olhar penetrante, misto de medo e coragem. Após entrar e beber água, ela se acalmou e disse:

— Comprei a alforria do meu senhor, porém ele faleceu antes de assinar o papel. Com isso, fiquei para os filhos dele. Expliquei que tinha comprado minha liberdade, mas não aceitaram. Disseram que eu era uma neguinha mentirosa que queria fugir. Preciso descer para o quilombo, e me contaram que a senhora sabia o caminho.

Eu era uma membra ativa na articulação da fuga de escravizados e responsável por levá-los ao quilombo. Mas, naquele momento, não era seguro sairmos. Decidi esperar até amanhecer. Enquanto pensava no que fazer, escutei outra batida na porta e um grito:

— ABRA A PORTA, PRETA!!!

— Você foi seguida, menina!

A escondi no assoalho da casa e pedi que ficasse quieta, mas ela se assustou com um rato e gritou. Foi arrancada pelo cabelo de lá. Tentei impedir que aquele capitão do mato a levasse, mas não consegui. Ele me bateu e me deixou desacordada, sangrando.

E o que tenho a dizer agora? É que ele se arrependerá amargamente nesta noite, em que narro esta história. Eu não ando só. Hoje, a resgataremos.

Foi uma semana escondida no quilombo, planejando a missão de resgate com minhas dez guerreiras mais bem treinadas e fiéis. Foi simples: entramos, matamos os capatazes e libertamos os escravizados. Mas a menina não estava na senzala — estava presa no porão da Casa Grande. Pedi para todos irem à frente.

CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA



Encontrei a chave na cozinha e a resgatei.

Mas então dei de cara com o senhorzinho, e acabei decepando a cabeça dele com meu facão. O capitão do mato viu tudo, apontou a espingarda para mim, engatilhou e disse:

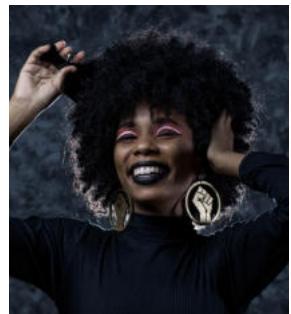
— Hoje é seu últi...

Nem teve tempo de terminar. Outro facão o atravessou pelas costas. Quando o corpo dele caiu, vi Eshe.

— Estamos quites agora, Luena — disse, com um sorriso de canto.

Após muito caminhar, chegamos ao quilombo. Lá, finalmente perguntei o nome da menina. Ela sorriu e disse:

— Me chamo Ominira, que significa “liberdade”.



Rafaela Pinheiro Souza, mais conhecida como Rafah Black, é MC, poeta e graduanda em História. Participou da antologia *O Amor é um Grito*, da editora Toma Aí um Poema, e conquistou o terceiro lugar na categoria Prosa da 1ª Mostra Picuá de Cinema e Literatura. Utiliza sua arte como forma de voz e resistência do povo negro.



EKA'TÍNTO

Ricardo Dantas

O riacho era o primeiro obstáculo a ser ultrapassado. Pedras largas, porém escorregadias, serviam de passagem. No entanto, não era o caso daqueles dois, que, da forma como vinham correndo, vararam a grota por dentro d'água, fazendo com que até mesmo um tuiuiú, que estava nas proximidades, levantasse voo.

O caminho continuava em uma subida relativamente íngreme, mas, independentemente do terreno, os tropeços e escorregões ocorriam repetidamente devido ao ritmo frenético em que corriam.

No alto da colina, existia um platô quase plano. A certa altura da trilha, havia uma passagem entre duas enormes pedras, que, naturalmente arrumadas, compunham um corredor tão estreito que somente uma pessoa podia passar por vez. Ficar para trás na passagem seria o fim.

O guerreiro se aproximava cada vez mais. O curumim e a cunhatã tentavam, de todas as formas, se afastar do perseguidor. Porém, estavam em desvantagem. Além de serem apenas adolescentes, o guerreiro conhecia muito bem aquele terreno. Tentar escapar pelo capim seria inútil e perigoso. Uma pedra camuflada na relva seria o suficiente para levá-los ao solo.

Podiam ouvir os passos largos e firmes do guerreiro batendo com cadência no chão. Agora era só questão de tempo. Yaponira conseguiu alcançar o corredor de pedras primeiro e, olhando para Yuri, viu a expressão de desespero do irmão mais novo. Ele não iria conseguir! Contudo, o inesperado aconteceu. Ao terminar de passar pelo corredor de pedras, Yaponira foi segurada pelo indígena que a perseguiu. Yuri imediatamente agiu e, ferozmente, avançou no guerreiro:

— Solta ela! Solta ela! — gritava, enquanto tentava alcançar sua irmã, que era erguida fora do seu alcance.

— Taiji! — Yaponira gritou. — Taiji! Essa não valeu! Você tinha que ter esperado mais tempo para depois correr atrás da gente. Era pra ter começado a correr quando eu e o Yuri estivéssemos subindo a escadinha! Você correu logo depois que a gente passou da grotinha, que eu vi! Não valeu!

— Valeu sim — disse o irmão mais velho. — Se você não corre rápido, não pode ser guerreiro. — E colocou a irmã no chão.

— Vem, Taiji! Vamos correr até a casa da vovó! — Yaponira insistia para que o irmão mais velho continuasse com a brincadeira.

— Agora não é hora pra brincar. Agora é hora de banhar e comer. Vovó não gosta que Yaponira e Yuri fiquem muito tarde brincando.

Yaponira e Yuri moravam em Boa Vista, capital do estado de Roraima.

CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA

Estavam passando as férias de fim de ano na aldeia indígena Samã, onde seus avós maternos, da etnia indígena Macuxi, viviam.

— Tá bom, Taiji... — Yuri falou de forma desolada. — Vamos, mana! Vamos banhar no lago!

O irmão mais velho apenas os observou sumirem na baixada da colina, quando entraram na mata que circundava o lago. Taiji não morava com o resto da família em Boa Vista; preferia ficar na aldeia Samã. Fora adotado três anos antes de Yaponira nascer. Tinha então, na época, doze anos. Era um Yanomami que havia ficado órfão quando sua família fora assassinada por garimpeiros.



Ricardo Dantas é biólogo e mestre em Agroecologia. Natural do Rio Grande do Norte, vive em Roraima desde 2002. Passou a vida profissional, acadêmica e literária convivendo com povos tradicionais, como extrativistas da erva-mate no Paraná, agricultores familiares no Rio Grande do Norte, seringueiros no Acre e povos indígenas em Roraima. Em 2016 e 2017, "Meia Pata", seu primeiro romance, lançado em 2013, foi referência no vestibular da UFRR. Em 2019, "Meia Pata" passou a fazer parte da ementa do Mestrado em Estudos Literários da UNIR.



CORAGEM FATAL

Romério Briglia

O caçador estava preparado.

Montava um cavalo quarto de milha, levava uma bela espingarda calibre 12 de dois canos, 20 cartuchos, um revólver .38 novinho, até o talo de bala, e estava acompanhado do seu cachorro de confiança: o Coragem.

Esse cão era muito apegado a ele. Aonde ia, lá estava o Coragem, abanando o rabo, esperando um carinho ou um pedaço de frango — que adorava.

Nunca havia levado o bicho pra caçar, mas confiava nele. Sabia que, na hora H, ele saberia o que fazer.

Estava atento. Procurava uma onça que há tempos vinha lhe dando prejuízo: já havia comido umas novilhas e, recentemente, arrastara um bezerro pequeno de dentro do curral, perto da casa. Isso o deixou assustado. A danada havia se aproximado demais. Era hora de acabar com aquilo. Era hora de matar.

Carregava uma roncadeira — uma espécie de “cuíca” feita de uma dessas latas grandes de metal, com um tampão de couro esticado com um furo no meio e uma varinha roliça presa que, ao se esfregar com um pano úmido, emitia um som alto, parecido com o esturro de uma onça:

— Ouuuuurrrrr! Ouuuuurrrrr!

Era uma noite bem escura, sem lua. Ideal para encontrar e matar aquela danada. Desconfiava que fosse um macho, pelo tamanho das marcas deixadas no terreiro do quintal. Enormes — maiores que a própria mão fechada.

Desceu, amarrou o cavalo e se embrenhou na mata, seguido pelo Coragem. Achou um teso ali perto, com boa visão da área, e começou a imitar o som da fêmea com a roncadeira:

— Ouuuuurrrrr! Ouuuuurrrrr!

Não demorou muito. Logo, um esturro ecoou, não muito distante.

Coragem ficou com as orelhas em pé, velhaco, mas firme perto do dono.

Um breve silêncio... e, em seguida, surge a onça: imponente, logo à frente deles, no foco da lanterna. Soltou um esturro alto, mas ficou parada.

Coragem olhou para o velho com puro pavor. Meteu o rabo entre as pernas e saiu ganindo em desabalada carreira:

— Cain, cain, cain!

Só parou quando chegou na casa da fazenda. Meteu-se debaixo da cama, para surpresa de todos — e não teve quem o fizesse sair.

Odilon, filho do velho, bem que insistiu:

— Vem cá, Coragem! Sai daí!

CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA



Até um pedaço de frango Odilon arrumou pra tentar dissuadir o cão a sair debaixo do catre — mas não teve jeito. O cachorro ficou lá.

No alvorecer do dia, ouviram o trotar de um cavalo. Era o velho chegando, são e salvo.

— Ainda bem... — pensou Odilon. A atitude do Coragem o havia deixado preocupado. Já estava até selando um cavalo pra ir atrás do pai.

Mas o cão também ouviu a chegada do dono e saiu todo animado debaixo da cama, correndo em direção ao velho, que já se aproximava trazendo o couro da onça morta.

Quando Coragem chegou perto, o velho pegou o couro e deu um safanão, abrindo a pele com um estalo:

— Trá!

Coragem caiu duro no chão.

Infarto fulminante, disse o veterinário.

Escrito no rio Água Boa do Univini, em junho de 2024, a partir de uma estória contada pelo cozinheiro de bordo, apelidado Capacete.



Romério Bríglia nasceu em Roraima e atua na área ambiental como analista do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Doutor em Recursos Naturais, é autor de diversos artigos científicos, capítulos e livros, sempre em parceria com outros pesquisadores. Entre suas publicações, destacam-se Rio Branco: peixes, ecologia e conservação em Roraima e, mais recentemente (2024), Cannabis no vale do Rio Branco: rotas e difusão histórica. Em 2019, lançou o livro de contos Sobre matos e gentes, com histórias coletadas ao longo de suas andanças pela Amazônia. Tem especial interesse por ambientes aquáticos, pesca, populações tradicionais e suas narrativas.



WIRÎ'SAN YAMÎ – NÓS, MULHERES.

Sony Fersec

Época da Operação Upatakon, de desintrusão dos arrozeiros da Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Eu, em Boa Vista, seguia minha vidinha sem consciência étnica, lèpida e faceira. Vesti uma blusa branca, um short jeans e meu brinco de pena de galinha verde — de um lado só. Subi na minha bicicleta, carinhosamente chamada de Piririca, segura apenas pelo fato de já ter tomado a vacina antitetânica, e parti para o supermercado.

E lá eu pensava na conjuntura sociopolítica da época? Não. Fui comprar pão e margarina para o jantar da família.

Na seção da padaria, pedi alguns massa grossa, recebi o saco de papel e segui para o caixa. Na época, era moda ter televisão perto dos caixas, e já tinha começado o jornal das seis. Fiquei ali, patetando, enquanto as chamadas das matérias passavam, quando ouvi umas palavras meio perdidas entre as gôndolas do supermercado. Voltei as vistas para a televisão: era uma notícia sobre a Upatakon.

Um gauchão de um metro e noventa e uns 130 quilos, com sotaque bastante retroflexo, começou um discurso exaltado por ali: progresso, movimentar a economia, muuuuuuuu, muuuuu, muuuuuu. Até que ele vira para mim e solta:

— Essa raça de vocês não serve nem de pano para limpar chão!

Aí caiu a ficha de que era comigo. Ele me acusava de ser indígena. Pois bem, pois sim, fiquei perplexa. Nos meus 1,57 m e com bem menos da metade do peso daquela cavalgadura, entrei em paralisia, com medo de ser vítima de alguma violência física.

Pelo pouco que sabia, todos ali também ouviram, em alto e bom som, o que aquele bovino tinha falado. Mas ninguém reagiu ou falou qualquer coisa em minha defesa. Afinal de contas, além de ser a vítima, eu também tinha que me defender — de acordo com o pensamento médio das pessoas, como ouvi depois que relatei o episódio para alguns conhecidos.

Finalmente, o sulista foi embora, debaixo de seu chapéu de fazendeiro, e esperei chegar minha vez, cabisbaixa, deglutiindo ainda o rombudo nó na garganta.

A caixa então virou para mim e disse:

— Pode passar, moça!

— Mas eu ainda não paguei, moça...

— Sem problema! Eu passei duas vezes as compras daquele otário.

E hoje, mais do que nunca, sei que dias mulheres virão.



Sony Fersec, em poesia, Wei Paasi, em Makuxi maimu, pertence ao povo Makuxi. É poeta, escritora, palestrante e pesquisadora. Atualmente realiza pós-doutorado em Literatura pelo PPGU/UFRR. Doutora em Literatura pela UFF, é também mestre em Literatura, Artes e Cultura Regional pela UFRR. Autora das obras Pouco Verbo (2013), Movejo (2020) e Weiyamî: mulheres que fazem sol (2022), esta última finalista na categoria Poesia do 65º Prêmio Jabuti.



FINALISTAS

CINEMA

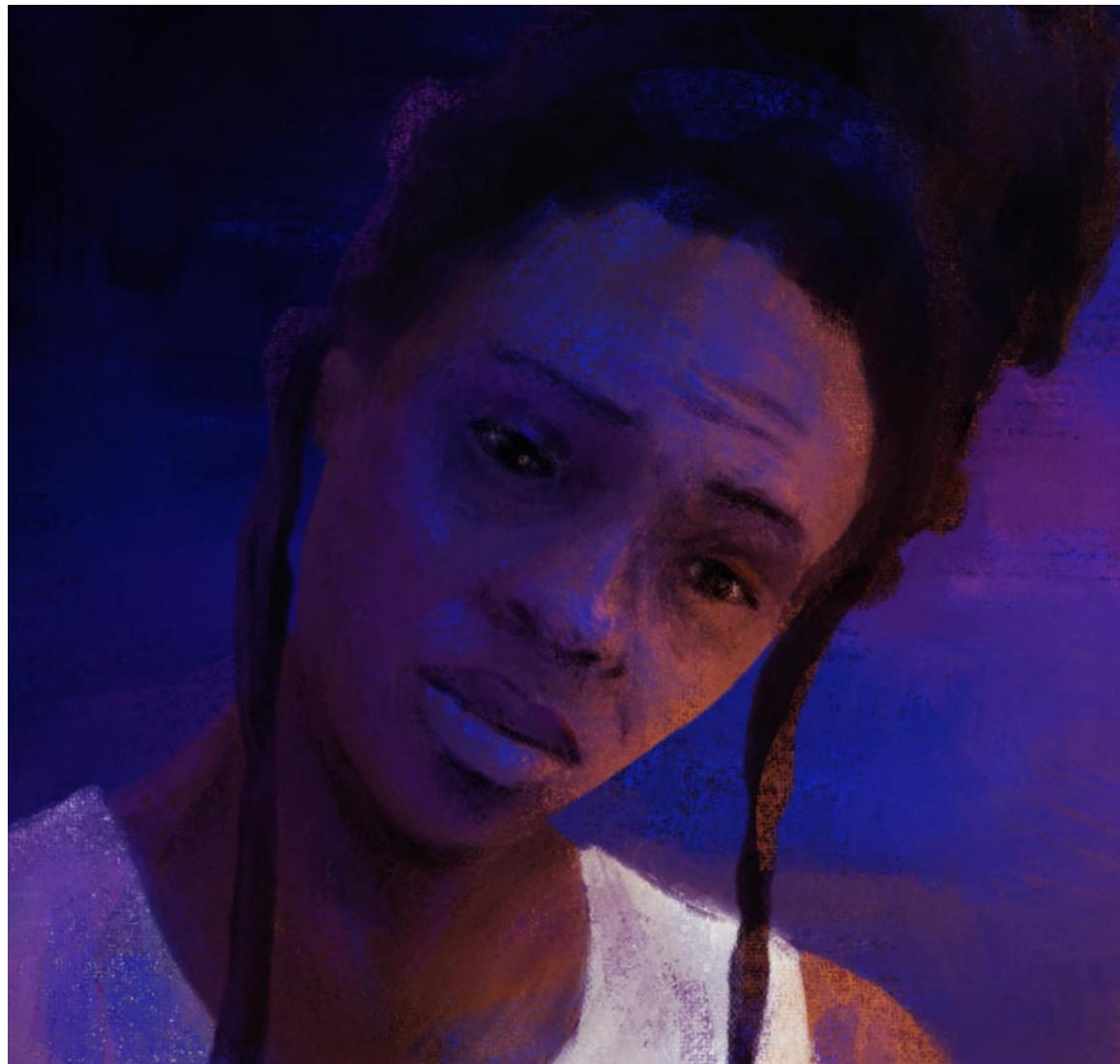




MORTO NÃO

2025 / *Direção: Alex Reis*

O nascimento do primeiro filho de um jovem casal negro traz consigo felicidade, mas também agonia. O pai do recém nascido vive e expressa seus dilemas sobre a chegada, o convívio e a partida do querido primogênito.





DEIXA

2023 / *Direção: Mariana Jaspe*

Zezé Motta é Carmen, uma mulher que vive seu último dia de liberdade antes que seu marido saia da prisão.





SOLANGE NÃO VEIO HOJE

2024 / *Direção: Hilda Lopes Pontes, Klaus Hastenreiter*

Alan é um homem de classe média que está acostumado a ser sempre servido. Um dia, de repente, Solange, que trabalha como funcionária em sua casa, desaparece misteriosamente. Ele então começa a mergulhar no caos que vai tomando proporções catastróficas.





CABANA

2023 / *Direção: Adriana de Faria*

Em meio à floresta amazônica, uma mulher da revolução cabana recebe uma indesejada visita.





MELHOR TRILHA SONORA / CINEMA

DESCAMAR

2024 / *Direção: Nicolau*

Em uma manhã esquisita, Gabi tem a sensação de ser absorvida por algo insólito.





A BICI DE RAMON

2024 / Direção: Benjamin Mast

O filme explora a complexa realidade social da região de fronteira, apresentando a história de Ramón, um jovem migrante venezuelano que enfrenta desafios em sua busca por uma vida digna no Brasil. É um retrato honesto e comovente da difícil jornada enfrentada pelos recém-chegados à cidade de Boa Vista. A trama acompanha os passos do protagonista em sua luta pela sobrevivência, narrando sua busca por uma bicicleta—um meio de transporte essencial na cidade e os obstáculos que encontra pelo caminho.





SEREIA

2023 / *Direção: Estevan de la Fuente*

Mudanças climáticas fazem a natureza devastar com fúria uma pequena comunidade de pescadores no litoral do sul do Brasil. É aniversário de Lúcio, criança cheia de imaginação que gosta de desenhar sereias e brincar com bonecas, mas na presença do pai intolerante e violento, o clima em casa não está para festa. Em segredo, sua mãe lhe preparou uma surpresa, um presente que finalmente transformará este em um dia especial.





MENÇÃO HONROSA / CINEMA

ISSO É FRESCURA?

2024 / Direção: Vanderlido Silva

Cris enfrenta silenciosamente crises de ansiedade enquanto tenta levar a vida normalmente. Em meio à rotina estressante, a amizade de Rayssa surge como um farol, oferecendo empatia e compreensão. À medida que Cris luta para equilibrar suas emoções, o curta explora a importância da saúde mental e como pequenos gestos podem fazer toda a diferença.





OBRAS SELECIONADAS / CINEMA

A PARTIR DE AGORA OS FILMES SERÃO PUBLICADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, CONFORME O NOME DE CADA OBRA.

A CASA AMARELA

2024 / *Direção: Adriel Nizer*

Um entregador de aplicativo decide ajudar uma senhora com Alzheimer a encontrar o caminho de casa.





BALADA PARA RAPOSO TENÓRIO

2024 / *Direção: Samuel Peregrino*

Capitania de Goyaz, 1850. A chegada de um forasteiro no arraial abandonado de Bom Jesus do Pontal põe à prova os medos mais sombrios de Raposo Tenório.





BENÇA

2023 / Direção: Mano Cappu

Na cadeia a visita é sagrada, e um clima de felicidade toma conta do ambiente. Antônio (44), está ansioso para ver sua esposa, Vera (45), e saber notícias da família. Entretanto, ao caminhar rumo ao pátio de visita, sente o corpo gelar, um sentimento de dor corta o peito e seu mundo começa a ruir ao ver saindo de uma das celas Rodrigo (22), seu filho.





DESÁGUA

2025 / Direção: *Ninna Fachinello*

Roberta e Ilana são irmãs de uma família cearense que mora no Rio de Janeiro. Após a morte do pai, elas se reencontram, vivenciando de formas distintas o luto e os desejos sobre o futuro.





MANSOS

2024 / Direção: Juliana Segóvia

Benedita é uma jovem que cresceu com uma marca em seu passado: o assassinato de sua mãe, Tereza. Benedita, agora liderança, fará valer a luta de sua mãe em uma busca incessante por vingança.





O DESPERTAR DE AIYRA

2024 / Direção: Duda Rodrigues, Juliana Rogge

"O Despertar de Aiyra" é um tributo emocionante à cultura e à resiliência dos povos indígenas da Amazônia. É uma lembrança poderosa de que a harmonia com a natureza é vital para a sobrevivência de todos nós.





OS SETE PASSOS DE SÃO SEBASTIÃO

2025 / *Direção: Paulo Thadeu Franco das Neves*

Os "Sete Passos de São Sebastião". O santo padroeiro da cidade de Boa Vista. O sincretismo religioso na intersecção de São Sebastião com Oxóssi ou a lembrança com Xapanã. O santo da misericórdia, da saúde, o protetor dos pobres e doentes. Assim nasce a peregrinação a "Tião". Sete dias. Sete casas e sete passos. A caminhada do santo é um mix do puro tempero do sincretismo religioso, tão presente e vivo no nosso país.





RESISTÊNCIA

2023 / Direção: Juraci Júnior

Conhecida como "Ferrovia do Diabo", a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré começou a ser construída na Amazônia, no final do século XIX, e até hoje expõe cicatrizes por onde passou.





SABERES ANCESTRAIS

2024 / *Direção: Gustavo Zinder*

No passado, quase toda a família conhecia uma benzedeira. Eram à elas que se recorria para aliviar as dores da alma e do corpo. Com a universalização do acesso à saúde, essa procura passou a ser uma escolha. Saberes Ancestrais contextualiza passado e presente desse patrimônio, apresentando diferenças e similaridades entre esses dois tempos.





Apoio:

SECRETARIA DE
CULTURA E TURISMO



GOVERNO
DE RORAIMA

Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Realização:



Co-Realização:



Apoio:

